



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

EXPEDITA MARIA HENRIQUE TEIXEIRA

**A POLÍTICA DE VIDA FEITA PELAS MULHERES SERTANEJAS: UMA ANÁLISE
DAS PERSONAGENS MARIINHA E NICEIA DE *A CABEÇA DO SANTO*, DE
SOCORRO ACIOLI**

PATU – RN

2025

EXPEDITA MARIA HENRIQUE TEIXEIRA

**A POLÍTICA DE VIDA FEITA PELAS MULHERES SERTANEJAS: UMA ANÁLISE
DAS PERSONAGENS MARIINHA E NICEIA DE *A CABEÇA DO SANTO*, DE
SOCORRO ACIOLI**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado como requisito de avaliação da disciplina TCC II, ministrada pela Profa. Dra. Aline Almeida Inhoti, do Curso de Letras – Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas, no *Campus* Avançado de Patu – CAP, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

Linha de pesquisa: Literatura, Memória e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Annie Tarsis Moraes Figueiredo

PATU – RN

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

T266p Teixeira, Expedita Maria Henrique
A política de vida feita pelas mulheres sertanejas: uma análise das personagens Mariinha e Niceia de A cabeça do santo, de Socorro Acioli. / Expedita Maria Henrique Teixeira. - PATU/RN, 2025.
21p.

Orientador(a): Profa. Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo.

Artigo Científico (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. resistência feminina. 2. encantamento. 3. política de vida. 4. ancestralidade. 5. religiosidade. I. Figueiredo, Annie Tarsis Morais. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

EXPEDITA MARIA HENRIQUE TEIXEIRA

**A POLÍTICA DE VIDA FEITA PELAS MULHERES SERTANEJAS: UMA ANÁLISE
DAS PERSONAGENS MARIINHA E NICEIA DE A CABEÇA DO SANTO, DE
SOCORRO ACIOLI**

Artigo apresentado à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Avançado de Patu (CAP), Departamento de Letras Vernáculas, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa.

Aprovada em: 25/11/2025.

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 **ANNIE TARSIS MORAIS FIGUEIREDO**
Data: 28/11/2025 18:39:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Annie Tarsis Moraes Figueiredo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 **ALYNE ISABELE DUARTE DA SILVA**
Data: 01/12/2025 11:01:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Alyne Isabele Duarte da Silva (Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCA LAILSA RIBEIRO PINTO**
Data: 01/12/2025 10:13:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Dr^a. Francisca Lailsa Ribeiro Pinto (Examinadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

A POLÍTICA DE VIDA FEITA PELAS MULHERES SERTANEJAS: UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS MARIINHA E NICEIA DE *A CABEÇA DO SANTO*, DE SOCORRO ACIOLI

Expedita Maria Henrique Teixeira¹
Annie Tarsis Moraes Figueiredo²

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise da política de vida construída pelas personagens Mariinha e Niceia em *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli, considerando as relações entre religiosidade, ancestralidade e afetos no contexto do sertão cearense. A pesquisa fundamenta-se em teóricos como Simas e Rufino (2020); Federici (2019; 2022); Bourdieu (2021); Martins (2021); Candido (2011) e Justino (2019). Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, que se fundamenta na análise de obras literárias e em estudos teóricos já publicados com o objetivo de embasar e aprofundar a discussão proposta. Dessa maneira, dialoga com os estudos sobre realismo mágico e literatura contemporânea brasileira, ressaltando como são articulados elementos do insólito ficcional para construir uma narrativa que representa as dificuldades vividas por mulheres neste lugar. Portanto, o trabalho evidencia a potência das práticas culturais como mecanismos de resistência feminina, mostrando como a literatura pode atuar enquanto um espaço que valoriza essas maneiras de agir no mundo.

Palavras-chave: resistência feminina; encantamento; política de vida; ancestralidade; religiosidade.

1 INTRODUÇÃO

A Literatura Brasileira Contemporânea, sobretudo a de autoria feminina, tem se destacado como um território fértil para a visibilidade de vidas colocadas à margem da sociedade, em especial as mulheres. Isto traz também a liberdade criativa como meio de reinventar esse espaço através de uma literatura que usa a arte, provocando efeitos e sensações no leitor ao mesmo tempo em que trata questões sociais. Por meio dela, essas vozes silenciadas encontram espaço para afirmar suas identidades e resistir de diversas formas. Nas obras que abordam o sertão cearense, em específico, *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli, observa-se uma valorização das vivências femininas, especificamente das mulheres subalternizadas.

Socorro Acioli, em sua narrativa, usa o maravilhoso, gênero que teve influência da literatura marcada pelo realismo mágico (movimento literário que

¹ Graduanda em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: expeditamaria@alu.uern.br

² Doutora em Literatura e Interculturalidade (PPGLI/UEPB). Professora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: anniefigueiredo@uern.br

mistura o real com o irreal para muitas vezes tratar de temas com teor crítico), especialmente durante o “boom” literário nas décadas de 1960 e 1970, que trouxe autores como Gabriel García Márquez e Julio Cortázar para o reconhecimento internacional. Acioli participou de um curso ministrado pelo escritor colombiano Márquez, autor da obra *Cem anos de solidão* (1967). O romance *corpus* desta pesquisa tem a influência do autor, haja vista que a proposta de resumo enviada a ele se tornou a narrativa de *A cabeça do santo* (2014).

O romance representa o sertão cearense por meio de elementos como o realismo mágico, a cultura local, o catolicismo do Nordeste e a ancestralidade. Assim, conta a história do personagem Samuel que, após a morte de sua mãe, Mariinha, parte a pé de Juazeiro do Norte até a cidade de Candeia em busca de seu pai e da sua avó, Niceia. Lá ele acaba encontrando abrigo dentro da cabeça abandonada da estátua de Santo Antônio, onde descobre que consegue ouvir as orações das mulheres da redondeza, que rezam ao santo.

A temática deste trabalho trata de como Mariinha, sua mãe, e Niceia, sua avó, personagens secundárias e mães solas que exercem papéis fundamentais no desenrolar da trama auxiliam o protagonista, Samuel, a conseguir resistir e se reinventar dentro do sertão cearense. Ambas representam formas de resistência e de transformação dentro do sertão cearense, construindo uma política de vida que desafia a opressão política e religiosa, além das dificuldades materiais impostas a elas. Através do legado dessas mulheres, Samuel passa por um processo de mudança profunda, ressignificando sua própria existência e aprendendo novas maneiras de se relacionar com o mundo ao seu redor.

Durante as pesquisas feitas sobre o romance foi possível encontrar por volta de quatorze trabalhos que abordavam questões como a religião e o realismo mágico, mas nenhum relacionado à resistência das personagens secundárias, Mariinha e Niceia. Pode-se considerar, então, que existe uma falta de produção sobre a análise da resistência dessas personagens, que são de profunda importância para o desenrolar da narrativa, pois é através da força delas que Samuel consegue resistir e se reinventar dentro daquele espaço. Com isso em vista, este trabalho pode contribuir para um debate amplo sobre a análise das personagens literárias, com menor projeção e suas construções.

Dessa forma, a presente pesquisa propõe uma análise da política de vida construída por Mariinha e Niceia em *A cabeça do santo* (2014), considerando as relações entre religiosidade, ancestralidade e afetos no contexto do sertão cearense. A pesquisa fundamenta-se, ainda, na teoria sobre o encantamento de Simas e Rufino (2020) para compreender como essas mulheres elaboram suas existências em um espaço marcado por dificuldades materiais e opressão social e política, passando da condição de “sobras viventes” para “supraviventes”. Ou seja, elas representam as pessoas que são vistas como restos da sociedade, mas que, por meio de diversos fatores como a cultura, a ancestralidade e a oralidade, conseguem superar a condição de exclusão, mesmo que não em termos materiais, mas em termos espirituais e existenciais. Assim, deixam de ser apenas passivas nas estruturas opressivas e passam a viver ativamente, ressignificando suas existências e seu lugar no mundo.

Esta pesquisa se justifica pela relevância em discutir a resistência feminina no sertão cearense a partir da literatura contemporânea, explorando como o romance *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli, constrói personagens como Mariinha e Niceia, que desafiam as adversidades impostas pelo contexto social, religioso, econômico e cultural em que estão inseridas. Ademais, contribui para um debate

amplo sobre formas alternativas de resistência, especialmente no que se refere às mulheres sertanejas e suas estratégias de sobrevivência, bem como evidencia a potência das práticas culturais como mecanismos de resistência, mostrando como a literatura pode atuar como um espaço que valoriza essas maneiras de agir no mundo. O trabalho também dialoga com os estudos sobre realismo mágico e Literatura Contemporânea Brasileira, destacando como *A cabeça do santo* (2014) articula elementos do insólito ficcional para construir uma narrativa que representa as dificuldades vividas nesse lugar.

Neste sentido, o estudo tem o objetivo de analisar como a política de vida é construída na narrativa de Acioli através das duas personagens Mariinha e Niceia, buscando entender como o romance contemporâneo brasileiro pode ser um espaço de representação da resistência feminina a partir das vivências das personagens. Examinou-se, assim, de que modo utilizam a oralidade, a ancestralidade, a religiosidade e as relações afetivas como forma de resistência e afirmação da vida. Além disso, buscou-se compreender como a narrativa constrói, por meio dessas personagens, uma política de vida que desafia as relações de poder que existem dentro do sertão cearense.

Para o desenvolvimento deste trabalho houve a adoção de métodos científicos que possibilitaram a sistematização e a validação dos dados analisados. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de natureza bibliográfica que se fundamenta na análise de obras literárias e em estudos teóricos já publicados, com o objetivo de embasar e aprofundar a discussão proposta. Deste modo, os aportes teóricos são: a metodologia proposta por Bosi (1988) e Pinheiro (2011) para tratar das questões interpretativas dos textos literários; Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2020) com a teoria sobre o encantamento e a política de vida, demonstrando como fabricam uma força de afirmação da vida; Federici (2019; 2022) para tratar de questões como o trabalho não remunerado das mulheres e de como elas geram essa força de resistência; Bourdieu (2021), para tratar de como, a religiosidade e a ancestralidade das personagens funcionam como formas de capital simbólico; Martins (2021) para tratar das questões do tempo não linear e da ancestralidade; e Candido (2011) e Justino (2019), que teorizam sobre a importância das personagens secundárias dentro da narrativa.

O presente estudo está dividido em: introdução, que visa apresentar para o leitor o objetivo do trabalho bem como a sua temática, metodologia e teóricos que embasaram a pesquisa. Logo depois, há dois tópicos de análise com dois subtópicos cada: o primeiro intitulado como “O encantamento em *A cabeça do santo*”, com os subtópicos “As relações de opressão no contexto do romance” e “O encantamento enquanto afirmação da vida em *A cabeça do santo*”, trata das questões de opressão e o encantamento enquanto afirmação da vida; o segundo nomeado como “As personagens sertanejas e suas políticas de vida” com os subtópicos “Acenda três velas para minha alma”: a fé e a resistência que atravessam gerações” e “A previsão de Niceia se cumpra”: a resistência que transcende a morte” que analisa a importância das duas personagens secundárias dentro da narrativa, assim como suas formas de resistência; por fim, seguem as considerações finais, nas quais procuramos apresentar os resultados de nosso trabalho.

2 O ENCANTAMENTO EM A CABEÇA DO SANTO

Durante a narrativa acompanhamos a jornada do personagem Samuel (cujo nome tem ligação com o divino, significando nome de Deus ou Deus ouve) que parte da cidade em que vive, Juazeiro do Norte, até a cidade fictícia de Candeia, no Ceará, em busca de sua avó, Niceia e de seu pai, Manoel. Neste local ele consegue passar da condição de exclusão, em que era considerado resto da sociedade, para a condição de “supravivência”, na qual resiste e se reafirma através da ancestralidade, da religião e das relações afetivas. Essa transformação é simbolicamente expressa na descrição inicial do personagem: “As pernas, gêmeos paradoxos: quanto mais magras, mais fortes. Os músculos cresceram, até nas canelas sujas que sustentavam as coxas de pouca carne. Ele, sujo como um desenterrado, andando sempre em linha reta” (Acioli, 2014, p. 7), revelando como Samuel, mesmo fragilizado, carrega em si a potência necessária para resistir e se reinventar.

O encantamento, segundo Simas e Rufino (2020), é entendido pela forma como as pessoas de baixa condição social, as “sobras viventes”, que são consideradas restos da sociedade, reinventam-se diante das dificuldades impostas a elas e conseguem se tornar “supraviventes” e afirmarem a vida. Esse encantamento não estaria nos bens materiais, mas em algo muito maior que vai além do dinheiro e que se encontra na natureza, na fé, na ancestralidade e em vários outros fatores que permitem a resistência e a reinvenção em contextos de dificuldades e opressão. Tendo em vista essa concepção é possível identificar no romance *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli, diversas situações em que o encantamento se manifesta como potência de vida e na estratégia de resistir.

O que faz com que Samuel continue tentando seguir em frente, apesar desse estado de fraqueza física, é o encantamento. Essa força também se manifesta na relação afetiva que ele mantém primeiro com a mãe e depois na relação com a avó paterna. A ancestralidade, representada pelas personagens Mariinha e Niceia é, portanto, o que lhe dá forças para resistir, como podemos ler em: “As esperanças nunca foram suas, eram de Mariinha, ele as usava por empréstimo em casos raros. Naquele momento, Samuel não tinha fé nenhuma nas coisas do espírito” (Acioli, 2014, p. 9). Samuel possuía um vínculo muito forte com a mãe, uma vez que eram apenas os dois a viverem juntos. Essa condição contribuiu para o fortalecimento do laço entre eles, assim como o amor e o respeito que nutria por ela foram fundamentais para que todo o percurso se tornasse possível. Reforçando como ele encontra na memória e na força herdada de Mariinha a possibilidade de continuar. Tal aspecto se articula à noção de encantamento proposta por Simas e Rufino (2020):

A noção de encantamento traz para nós o princípio da integração entre todos as formas que habitam a biosfera, a integração entre o visível e o invisível (materialidade e espiritualidade) e a conexão e relação responsiva/responsável entre diferentes espaços-tempos (ancestralidade). (Simas e Rufino, 2020, p. 07).

Sendo assim, o encantamento vem ultrapassar todos os limites que são considerados lógicos e materiais, pois, no contexto da narrativa, Samuel encontra força para resistir a partir do laço da ancestralidade com a mãe e com a avó paterna. O encantamento, nessa perspectiva, não é apenas a fé, mas algo que possibilita que ele passe da condição de “sobrevivente” para “supravivente” dentro da história, indicando que a resistência se torna possível quando se tem um conjunto de forças, e não somente o esforço individual de Samuel, sendo a ancestralidade uma delas.

O encantamento também se manifesta na narrativa não apenas por meio da ancestralidade, mas igualmente através da religiosidade e da oralidade que Samuel aprendeu com a mãe, e ao adentrar a cabeça do santo, passa a ouvir as orações das personagens femininas. Como afirma Acioli (2014, p. 38): “O fato é que Samuel tinha o poder inexplicável de ouvir os segredos que só Santo Antônio poderia conhecer”. Esse acontecimento reforça a presença do encantamento, pois é a partir dele que Samuel consegue transitar para a condição de “supravivente”. Afinal, isso rompe com o habitual e com aquilo que está socialmente estabelecido, apresentando-se como algo que escapa aos padrões. Mesmo que esse acontecimento esteja inserido no realismo mágico, ele contribui diretamente para que o protagonista da narrativa vivenciasse o processo do encantamento.

Simas e Rufino (2020, p. 9) explicam que: “Nesse sentido, o encantamento dribla e enfeitiça as lógicas que querem apreender a vida em um único modelo, quase sempre ligado a um senso produtivista e utilitário”. Isto é, trata-se das diversas formas de enxergar e viver o mundo, não apenas segundo o modelo socialmente estabelecido, mas por meio do encantamento, que possibilita ao indivíduo uma nova perspectiva além do material, possibilitando perceber e valorizar o que o cerca, inclusive aquilo que é invisível ou que a sociedade insiste em invisibilizar. Isso mostra que o encantamento está presente no romance *A cabeça do santo* (2014) a partir de diversos fatores: a ancestralidade, as relações afetivas e a religião/oralidade. Logo, é por meio deles e através de Mariinha e Niceia que Samuel se reinventa.

2.1 As relações de opressão no contexto do romance

As relações de opressão aparecem em *A cabeça do santo* (2014) como aspecto relevante da trama. A narrativa evidencia como a desigualdade social, política, econômica e de gênero afetam diretamente a vida dos personagens. Não somente Samuel, o protagonista, é marcado por tais condições, mas também Mariinha, Niceia e tantos outros que, inseridos em contextos de vulnerabilidade, vivem a opressão. Dessa forma, a obra representa um cenário em que os indivíduos historicamente marginalizados precisam encontrar estratégias de sobrevivência diante de forças que insistem em silenciá-los e invisibilizá-los. Acioli mostra a realidade vivenciada pelas personagens secundárias e pelo protagonista, que talvez nas cidades grandes não são vistos, mas que no texto literário ganha espaço para uma leitura crítica sobre as injustiças sociais. Isso fica explícito no seguinte excerto:

Candeia era quase nada. Não mais que vinte casas mortas, uma igreja velha, um resto de praça. Algumas construções nem sequer tinham telhado, outras, invadidas pelo mato, incompletas, sem paredes. Nem o ar tinha esperança de ser vento. Era custoso acreditar que morasse alguém naquele cemitério de gigantes (Acioli, 2014, p. 13).

A descrição de Candeia logo na chegada de Samuel revela uma cidade em ruínas e prestes a desaparecer. O abandono do espaço evidencia a ausência de uma administração que se preocupa com o bem-estar da população e com a preservação do lugar. Trata-se, portanto, de um espaço condenado à estagnação. Essa realidade pode ser entendida como resultado de um sistema de opressão estrutural em que uma comunidade inteira é afetada pelo abandono material imposto pelo poder político, representado pelo prefeito que, ao invés de promover melhorias,

deseja justamente a decadência da cidade para que o terreno possa ser vendido e utilizado em projetos de interesse econômico, como, por exemplo, a construção de prédios.

O sistema de opressão no Brasil existe desde a colonização, assim explicam Simas e Rufino (2020, p. 12): “Este Brasil é um país de corpos doentes, condicionados e educados para o horror como empreendimento”. Ou seja, é um país que visa o lucro acima de tudo e para que isso aconteça muitos corpos são deixados à margem. Corpos que, se não apresentarem algum tipo de valor, podem ser vistos como restos.

Essa lógica de exclusão mostra que a estrutura social brasileira se sustenta na exploração e na desigualdade, criando mecanismos que naturalizam a ideia de que algumas vidas são menos valiosas que outras. Desse modo, a busca incessante pelo lucro e pela manutenção do poder econômico torna-se mais relevante do que a preservação da dignidade humana, o que perpetua a marginalização de grupos inteiros. Essa dinâmica também reflete a narrativa de Acioli, pois, por meio das notícias sobre os casamentos, começam a chegar mais pessoas à cidade, interessadas em morar ali. Com isso, surgem questionamentos sobre o motivo de a cidade se encontrar naquele estado de calamidade. Isso fica evidente no seguinte trecho:

Túlio era o seu nome, famoso pelo faro de detetive e pelas reportagens que não deixavam nenhuma pergunta sem resposta. Ao saber do caso da cabeça de santo Antônio, ficou intrigado com a dúvida que todos já esqueceram: por que nunca consertaram aquele erro? Por que a administração daquela cidade não procurou alternativas para não cair na miséria e no abandono? (Acioli, 2014, p. 79).

Quando a cidade de Candeia começou a ter vida novamente foi despertado nas pessoas o interesse em saber o porquê do seu abandono e as indagações em torno do descaso a ela destinado. Apenas a partir disso surge a verdade de que o prefeito havia desviado as verbas do município. Assim, é possível estabelecer uma relação entre Candeia e o sistema político e social vigente no Brasil entre 1889 e 1930: o coronelismo. Nesse período, os coronéis, que eram líderes locais, detinham todo o poder econômico e social. Eles exerciam domínio sobre o voto das pessoas por meio de ameaças, da troca de favores e de outras formas de coerção.

O coronelismo deixou resquícios na sociedade brasileira e ainda hoje é possível percebê-lo em práticas políticas, sobretudo em cidades do interior, onde o voto em troca de favores ou sob ameaça continua ocorrendo, muitas vezes atrelado à possibilidade de expulsão das terras em que os trabalhadores vivem. Essa realidade não era diferente do que acontecia em Candeia, espaço literário marcado pelo abandono do poder público, mas era justamente o prefeito da cidade, Osório, quem possuía esse controle, ele sempre detinha as regras e estabelecia as ordens. Quando através das vozes que Samuel ouvia fez com que a cidade ganhasse vários moradores e a economia voltou a funcionar, Osório ficou furioso e queria expulsar Samuel daquele lugar. A seguinte passagem mostra que:

A lei de Candeia era Osório quem fazia, com truculência. Samuel soube que os capangas receberam ordem expressa de não deixar ninguém entrar ali. Nenhuma visita, nem sequer um copo de água. O acusado ficaria na cela até que fossem montados os explosivos. Depois teria algumas horas para deixar a cidade, sob ameaça de ser morto caso retornasse (Acioli, 2014, p. 121).

Esse trecho evidencia, de maneira simbólica, a permanência do coronelismo em cidades brasileiras, especialmente nas do interior, ao mostrar a concentração absoluta do poder político nas mãos do prefeito cuja autoridade se sobrepõe à noção de justiça institucional. A presença dos capangas reforça a lógica da coerção e da violência como instrumentos de manutenção da ordem característicos das práticas coronelistas. O fato de negar até mesmo um copo de água a Samuel mostra o domínio exercido sobre os corpos, reduzidos à condição de objetos controlados pela vontade do prefeito. Nesse contexto, resta a Samuel a possibilidade de sobrevivência mediante a expulsão da cidade sob a ameaça de morte caso retorne, o que mostra o autoritarismo em Candeia.

O opressor é, portanto, aquele que se encontra em um lugar de vantagem social sobre pessoas socialmente marginalizadas. Nesse caso, o prefeito, por deter um poder aquisitivo maior, tornava-se praticamente um rei, exercendo domínio sobre o seu povo. Sobre isso, Simas e Rufino afirmam que:

Para a maioria dos seres que não experimentam o mundo a partir dos alpendres da Casa Grande, das sacadas dos sobrados imperiais e das salas de reunião de edifícios de grandes corporações, cabe entender o encantamento como ato de desobediência, transgressão, invenção e reconexão: armação da vida, em suma. (Simas e Rufino, 2020, p. 6).

Era justamente esse o modo como Samuel era tratado: um indivíduo que estava ali desestruturando a “ordem”, desobedecendo ao sistema estabelecido. O mesmo sistema vivenciado por sua mãe e sua avó, as personagens em análise. A opressão vivida por ele e pelos outros personagens revela não apenas as desigualdades sociais e políticas presentes em Candeia, mas também a resistência que surgia diante desse cenário opressor.

Outras formas de opressão também são vistas no romance além da vivida por Samuel e pelos moradores de Candeia por parte do prefeito. Existe também a vivida por Mariinha. “Mariinha tinha vinte e cinco anos quando conheceu Manoel, que viera para Tauá a trabalho e tinha data certa para ir embora. Era a caçula, condenada pela tradição do sertão a não casar e tomar conta do pai, viúvo, enquanto ele vivesse” (Acioli, 2014, p. 39). Essa imposição feita à Mariinha, às mulheres que eram filhas mais novas, configura-se como uma opressão cultural e de gênero, pois impede a personagem de conduzir a própria vida, obrigando-a a viver em função do pai e estar constantemente à sua disposição. Nesse processo, seus direitos são negados, evidenciando a força das estruturas socialmente construídas que limitam suas escolhas. A vida de Mariinha foi muito difícil em Juazeiro do Norte com a ausência do pai de Samuel e a expulsão da casa de seu pai enquanto estava grávida. Ela teve que encontrar modos de sobrevivência, mostrando, assim, as diversas formas de opressão existentes na trama.

2.2 O encantamento enquanto afirmação da vida em *A cabeça do santo*

Segundo Bourdieu (2021), a verdadeira transformação social somente é possível para aquelas pessoas que têm condições mínimas para compreender e viver o tempo presente ao invés de fantasiar um futuro “impossível”, quer dizer, deve-se agir de um modo crítico, visando à realidade. O encantamento pode ser compreendido como uma afirmação da vida que não se confunde com fantasia,

contudo, realiza-se no presente, em diálogo com a ancestralidade e com os recursos disponíveis. No caso da narrativa de Acioli (2014), esses recursos não são materiais, pois se expressam por meio da ancestralidade, da oralidade/religiosidade e dos afetos, como demonstram as personagens Mariinha e Niceia, que sustentam Samuel através dessas forças.

Mariinha passou por muitas dificuldades ao longo da vida, ficou grávida de Samuel, e logo em seguida foi abandonada pelo pai do seu filho, Manoel. E com consequência disso não teve o apoio da família, no entanto, ainda encontrava formas de afirmar sua existência. Saiu de candeia e foi para Juazeiro e lá encontra Glorinha, que lhe acolhe em sua casa com muito amor. Um exemplo é quando destacamos: “Mariinha do Horto caiu nas graças de Glória, a abençoada, que cuidou dela como de uma filha. Aprendeu a trançar palha e vender chapéu pros romeiros” (Acioli, 2014, p. 23). Isto posto, infere-se que mesmo diante das adversidades ela construiu estratégias de sobrevivência, apoiando-se em vínculos afetivos e no trabalho artesanal, mostrando que o encantamento, enquanto afirmação da vida, é possível não por meio da fantasia, mas, muitas vezes, através do trabalho árduo e da busca pela sobrevivência diária.

Na obra em análise, as personagens Mariinha e Niceia, embora inseridas em lugares envoltos por ausências estruturais, conseguem se afirmar através da cultura popular enraizada no sertão cearense, provocando um rompimento com a lógica de dominação na medida em que criam outros sentidos de existência para a vida. Diante disso, Simas e Rufino dizem:

Algumas “sobras viventes” conseguem virar sobreviventes. Outras, nem isso. Os sobreviventes podem virar “supraviventes”: aqueles capazes de driblar a condição de exclusão, deixar de ser apenas reativos ao outro e ir além, armando a vida como uma política de construção de conexões entre ser e mundo, humano e natureza, corporeidade e espiritualidade, ancestralidade e futuro, temporalidade e permanência (Simas e Rufino, 2020, p. 6).

Se afirmar através do encantamento é algo que vai além do simples “ser”, pois não se trata apenas de existir, mas de existir sabendo lidar com as diversas faces que o mundo apresenta. É saber estar e compreender o outro, é sentir e cuidar da natureza, é projetar o futuro sem esquecer-se daqueles que aqui já estiveram. Sendo assim, não significa buscar lucro ou um futuro fantasioso, mas reconhecer que aquilo que é necessário para se reinventar já está conosco. Na narrativa de Acioli, podemos perceber isso quando Mariinha se encontra em situação de extrema dificuldade e abandono e é acolhida por Glorinha que lhe dá um espaço para morar e a ensina uma nova forma de sobrevivência através do artesanato. Isso fica evidente no trecho: “Fez o seu parto, ensinou o trançado dos chapéus, e Mariinha cuidou dela até o dia de sua morte. Glorinha, a abençoada” (Acioli, 2014, p. 42). Mariinha buscou sempre se afirmar mesmo quando estava impossibilitada de tentar, mesmo grávida e sem o apoio do pai de Samuel ela resistiu à exclusão e às dificuldades com a ajuda de Glorinha. Com isso, percebe-se que é necessário desenvolver essas formas de enxergar o mundo, mas também reconhecer a importância da ajuda coletiva.

Bourdieu (2021, p. 37) cita: “(como diz Weber) no qual os trabalhadores se vêem jogados e cujas regras eles devem aprender para sobreviver”. Assim, podemos estabelecer uma relação com a narrativa e perceber o quanto foi necessário que Mariinha aprendesse a adaptar e customizar o artesanato como

forma de garantir sua sobrevivência. Todavia, essa reinvenção não se restringe à lógica econômica, ela também se relaciona com o encantamento, pois, por meio da ancestralidade, da religiosidade e dos afetos, Mariinha transforma o trabalho artesanal em uma prática de resistência e de afirmação da vida.

Destarte, o ato de fazer a customização dos chapéus ultrapassa o aspecto material e se conecta a uma rede de memórias e saberes coletivos, permitindo que ela resista e se reafirme mesmo em meio às adversidades. Segundo Simas e Rufino (2020, p. 10), “O brado ecoa. Nessa terra se instalou um modo adoecido, um amplo repertório de formas de desencanto, que hoje nos fazem acreditar que esse simulacro que nos é destinado é um modo ‘normal’ de vida”. O que os autores apontam como “modo adoecido” pode ser compreendido como a lógica capitalista que transforma a vida em mercadoria e naturaliza a exploração do trabalho como se fosse a única forma de existência possível. É justamente contra essa naturalização que o encantamento se coloca, oferecendo outras possibilidades de estar no mundo. Nesse sentido, Bourdieu defende:

Desvalorizam-se, conseqüentemente, as funções sociais que não aportam frutos contabilizáveis e aqueles que as exercem, notadamente idosos e mulheres apartados do mundo do trabalho assalariado e relegados a situação de profunda dependência (Bourdieu, 2021, p. 21).

O modo capitalista aparece de forma recorrente na obra de Acioli, tanto nas dificuldades enfrentadas por Mariinha, que não dispõe de recursos nem de apoio do pai para sustentar o filho, quanto na necessidade de buscar alternativas que lhe garantam algum rendimento para sobreviver. Essa lógica se manifesta nas experiências da personagem e no modo como Samuel é tratado em sua trajetória até a cidade Candeia, isto é, acometido pela falta de dinheiro e na própria condição dos moradores da cidade, que igualmente sofrem os efeitos desse sistema. Isso fica evidente no seguinte trecho:

A mala que levava quando deixou a casa ficou pelo caminho logo no quinto dia. Ou isso, ou a fome. Trocou por um prato de carne cozida e baião de dois. A dona de uma pensão aceitou, de má vontade, só porque precisava de uma mala para guardar as toalhas das mesas (Acioli, 2014, p. 8).

Samuel não tinha condições de permanecer com a bolsa, uma das únicas lembranças materiais de sua mãe. Ele precisou se desfazer dela em troca de um prato de comida, gesto que evidencia sua luta pela sobrevivência. A dona da pensão, por sua vez, não aceitou o objeto de bom grado, mas somente porque precisava. Esse episódio revela como o capitalismo é representado na obra: Samuel somente tinha valor a partir daquilo que possuía no momento, a bolsa, ainda que, para a dona da pensão, esse bem tivesse pouco significado.

O sistema capitalista também pode ser observado em um trecho que mostra como Samuel já não tinha mais nada, pois havia vendido tudo, até mesmo as mangas da camisa para conseguir sobreviver. Isso aparece de forma expressiva, quando o narrador descreve: “Sapatos, as pernas da calça, mangas da camisa, o pouco dinheiro: tudo ficou pelo caminho. (Existe quem compre mangas de camisa, isso é espantoso.)” (Acioli, 2014, p. 8). Esse episódio demonstra como a lógica capitalista se manifesta até mesmo entre aqueles que vivem em condições de extrema pobreza, já que sempre haverá alguém disposto a lucrar com o pouco que o outro possui, no caso de Samuel, suas próprias vestes trocadas por comida.

Desse modo, percebe-se que o encantamento, compreendido como afirmação da vida, concede a Mariinha e a Niceia a força necessária para se (re)afirmarem. A partir delas, Samuel também encontra possibilidades de reinvenção, o que mostra como o encantamento atua na transformação das personagens. Essa dinâmica revela-se também em um episódio no qual Niceia, mesmo após a morte, demonstra cuidado e proteção com Samuel: “— Está com fome? — perguntou a velha. — Muita. — Tá se vendo pela cara” (Acioli, 2014, p. 19). A conversa entre Niceia e Samuel mostra a preocupação que ela tem com o neto e evidencia como o encantamento pode se manifestar em atitudes simples como o afeto, que são fundamentais para a resistência e afirmação da vida.

Observa-se que o processo de afirmação da vida em Samuel ocorre por meio do encantamento, que possibilita sua transição da condição de exclusão para a centralidade na narrativa. Isso é comprovado no casamento de Madeinusa quando recebe a valorização e os cuidados pessoais que antes lhe eram negados, como fica explícito no seguinte trecho:

Adriano arrumou um terno para Samuel, o padrinho. Terno, gravata, sapatos, colônia, meias e cueca. E ainda pagou pra ele um corte de cabelo no mesmo barbeiro que faria o arranjo do noivo, em Canindé. Chegaram à cerimônia juntos, no mesmo carro [...] (Acioli, 2014, p. 55).

Esse momento revela uma quebra no ciclo de exclusão em que Samuel vinha vivendo à medida que passa a ser visto como parte daquela sociedade ao receber reconhecimento e afeto. Isso se dá como consequência do dom dele de ouvir as orações das mulheres que rezam para Santo Antônio. Com isso, a inserção dele na sociedade e os vínculos que ele vai construindo se dá por esse processo insólito que são as orações que só ele é capaz de ouvir. Assim, manifesta o encantamento de modo coletivo com sua integração naquele espaço.

Portanto, a afirmação da vida dentro da trama se apresenta de forma coletiva. Ela se evidencia tanto nas dificuldades enfrentadas por Mariinha durante a gravidez, quando recebeu o apoio de Glorinha, quanto na força de suas ancestrais. Niceia, por exemplo, mesmo após a morte, aparece para Samuel como presença protetora, oferecendo-lhe conselhos e orientações. Mariinha, por sua vez, o fortaleceu com os ensinamentos e o amor que lhe transmitiu, deixando lembranças que se tornaram seu alicerce. Desse modo, destaca-se a força dessas mulheres sertanejas que, mesmo perante as adversidades, conseguem se afirmar e proteger aqueles que amam.

3 AS PERSONAGENS SERTANEJAS E SUAS POLÍTICAS DE VIDA

Por meio da Literatura Brasileira Contemporânea, muitas vidas, em especial a feminina que são colocadas à margem, ganham espaço na sociedade. Através dela, essas vozes silenciadas encontram espaço para afirmar suas identidades e resistir de diversas formas. Na obra *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli, observa-se uma valorização das vivências femininas, sobretudo das mulheres subalternizadas. A narrativa evidencia, a partir das vivências das personagens secundárias, Mariinha e Niceia, a afirmação da vida através da religião, da cultura, da oralidade e da ancestralidade, misturando o realismo mágico com a cultura popular. Assim, mostra que elas conseguem se afirmar dentro desse espaço por meio dessas práticas de resistência.

Quando se realiza uma análise das personagens supracitadas, torna-se possível compreender melhor de que forma elas são construídas dentro da narrativa e representam toda a força que funciona como pilar da política de vida e do encantamento presentes na obra. Com isso, ao refletir sobre a construção das personagens, Antonio Candido observa:

É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino (Candido, 2011, p. 3).

Frente a isso, não se pode analisar uma personagem isoladamente, pois ela está dentro de um contexto e deve-se considerar que tudo influencia na sua construção, sua temporalidade, os desafios enfrentados e os valores representados por ela. Mariinha e Niceia ganham mais relevância justamente porque estão ligadas à religiosidade popular, aos afetos familiares e às formas de resistência que marcam suas trajetórias.

Sendo assim, elas deixam de serem vistas apenas como personagens secundárias, muitas vezes consideradas de pouca importância na trama, e passam a assumir papéis que contribuem para a construção de uma narrativa mais consistente, conferindo maior desenvolvimento à estrutura, e um enredo capaz de prender o leitor. Dessa forma, percebe-se as diferentes fases e dimensões da narrativa, ou seja, enxergar o que está por trás dela, bem como os múltiplos significados e as aberturas que oferece para a vida real.

Mesmo ocupando o papel de personagens secundárias, mostram-se como pilares para que o personagem principal, Samuel, consiga se reinventar e resistir dentro da narrativa. Ele se apegua às memórias que tem de Mariinha e aos conselhos de sua avó para conseguir sair da condição de exclusão em que vive. Portanto, por mais que elas sejam secundárias, assumem papéis de suma importância na trama. Sobre isso, Justino (2019, p. 16) observa que:

Por isso que o conceito de literatura de multidão recusa-se a pensar a literatura sem levar em conta a produtividade, no mais das vezes invisibilizada, dos personagens secundários, para mim aqueles que definem a grandeza das obras, que lhes dão densidade literária, poética, política, humana.

Assim, pode-se dizer que elas são uma das partes fundamentais para o desenvolvimento da narrativa, fazendo com que tenham um espaço marcado, mostrando sua importância como mulheres do sertão cearense que apresentam força por meio de lutas e afetos para resistir, através do encantamento, a fim de proteger e amparar os que amam.

Com isso, Justino (2019, p. 20) destaca que “[...] a própria existência do personagem secundário está associada ao pressuposto de que ele não produz trabalho de valor, serve apenas de cenário, de pano de fundo, de mola, para os virtuosos e as virtudes do narrador e de seu protagonista”. Ante o exposto, embora tais personagens exerçam grande importância dentro da narrativa, muitas vezes são vistas apenas como suporte para que o protagonista se sobressaia no enredo. No entanto, no caso das personagens de Acioli (2014), percebe-se que, apesar de secundárias, são justamente elas que assumem um papel de maior significância, pois é através dessas mulheres, suas ancestrais, que Samuel consegue se

sobressair do lugar de exclusão em que vive, conferindo à narrativa mais profundidade e densidade.

3.1 “Acenda três velas para minha alma”: a fé e a resistência que atravessam gerações

A narrativa de Acioli apresenta, de forma crítica, diversas manifestações de resistência construídas por Mariinha e Niceia. Mariinha, por exemplo, atua ao longo de toda a trama como uma mãe que elabora estratégias para que seu filho, Samuel, consiga se sobressair diante da condição de exclusão em que ambos se encontram. Assim, ela prepara o mundo para ele, projetando sua força no presente, no passado e no futuro. Antes mesmo do nascimento de Samuel, Mariinha enfrenta situações de extrema necessidade e abandono e, ainda assim, resiste por ele. Durante a vida compartilhada, continua lutando e oferecendo o que tem de melhor, guiada pelo afeto. Após sua morte, sua presença permanece simbolicamente, fortalecendo Samuel por meio do amor e da fé.

Há muito tempo, em nossa sociedade, existe a desvalorização e o não reconhecimento das práticas exercidas pelas mulheres. Dentre essas práticas está o trabalho doméstico, que não é remunerado. Nesse sentido, Silvia Federici (2022, p. 17) aponta que: “A escola da ‘crítica da vida cotidiana’ esconde o trabalho interminável e não remunerado das mulheres”. É possível, então, inferir que as mulheres já enfrentaram e ainda enfrentam muitas lutas para que tanto o seu trabalho e esforço quanto elas próprias sejam reconhecidas e valorizadas em uma sociedade tão machista e capitalista.

No romance de Acioli (2014), a personagem Mariinha representa um exemplo de resistência. Mulher vinda do sertão, cearense e mãe solo, enfrenta situações de dificuldade e opressão, o que a coloca também como uma figura representativa da luta cotidiana das mulheres em seu contexto social, em especial, mulheres sertanejas. Dentro da trama, Mariinha se reinventa e oferece apoio aos que ama por meio do encantamento. O dom de prever o dia de sua própria morte, compartilhado também por outras mulheres de sua família, constitui uma prática que ultrapassa a lógica do medo ou da fatalidade, segundo a qual a morte é vista como o fim da vida. Diferente dessa perspectiva, ela e suas ancestrais encaram a finitude como parte natural do destino, sem temor.

Nesse contexto, o encantamento se apresenta como uma estratégia de resistência, pois transforma uma condição de vulnerabilidade, que é a morte, em potência de vida e em continuidade dos laços afetivos. Mariinha, ao perceber que está prestes a morrer, avisa a Samuel sobre o que vai acontecer. Mostrando a ideia do tempo não linear. Isso fica evidente no trecho: “Assim aconteceu com todas as mulheres da família, e com Mariinha não foi diferente. Todas sabiam exatamente o número de dias que formavam essa coleção de horas que chamamos de vida” (Acioli, 2014, p. 22). O tempo não linear torna-se claro nesse fragmento, pois não segue um padrão convencional. Apenas o fato de ela já saber o dia de sua morte demonstra que esse modo de encantamento não está pré-estabelecido na sociedade, uma vez que não é comum que as pessoas saibam o dia de sua morte, por isso, representa algo diferente e fora dos padrões.

Para explicar, Martins (2021, p. 39), aponta que: [...] “porque restituem a força vital aos seus descendentes, tanto aos anelados por vínculos consanguíneos quanto aos constituídos e agregados por relações familiares de escopo mais amplo”. Sendo

assim, pode-se inferir que esse encantamento vem de suas ancestrais, que passam para ela essa força e esse modo de resistência, mostrando que não precisa ter medo da morte, já que não é uma morte no sentido literal da palavra, mas algo que vai além. Ou seja, para elas é uma nova forma de ver a vida em outro plano.

Essa outra forma de vida, que se manifesta na morte, e é compreendida por Mariinha e suas ancestrais como algo que não deve ser temido nem visto como negativo, constitui um modo de encantamento que demonstra ser possível não apenas resistir neste plano, mas também viver através dele, afirmando a existência para além do que é considerado real. Nesse sentido, a vida se prolonga no plano espiritual, configurando-se como uma maneira pela qual essas mulheres sertanejas, especialmente Mariinha e suas ancestrais, reafirmam suas existências.

A personagem Mariinha encontra várias formas de resistência durante a narrativa. Após engravidar de Samuel teve que enfrentar a rejeição do pai, que não aceitava ter uma filha grávida e sem marido, pois isso a tornaria uma mulher “mal falada” perante a sociedade. Além disso, o pai da criança, logo após a gravidez, retornou para sua cidade (Candeia), fazendo com que Mariinha perdesse o contato com ele, como destacado no fragmento: “Manoel gostou, falava com a barriga chamando o filho pelo nome e prometia voltar. Era coisa de seis meses, ele disse. ‘Volto logo, Mariinha’. Nunca. Voltou nunca mais” (Acioli, 2014, p. 23). Assim, é possível inferir que Mariinha não tinha nenhum suporte, pois até mesmo a família, que em nossa sociedade representa abrigo e proteção, a rejeitou, deixando-a sozinha diante de uma situação extremamente desafiadora.

Essa ausência de apoio evidencia a solidão que a personagem atravessa e também as dificuldades sociais enfrentadas por mulheres em contextos de vulnerabilidade que, muitas vezes, precisam lidar sozinhas com a maternidade e com a exclusão. Isso é ressaltado na narrativa de Acioli (2014, p. 23): “Só tinha pai e uma irmã mais velha, que não queriam mulher da vida dentro de casa”, mostrando que depois de ser rejeitada pela família e sem notícias do pai do seu filho ela teve que se reinventar e procurar alternativas de sobrevivência. Porém, Mariinha não estava só em sua totalidade e contou com o apoio de Glorinha, uma mulher que sofreu violência sexual, engravidou e, posteriormente, fundou uma casa de acolhimento para mães solo. Mariinha esteve ao lado dela, cuidando-a até o dia de sua morte. Esse exemplo demonstra que a resistência feminina no sertão é também um ato coletivo, sustentado pela solidariedade entre mulheres que se ajudam mutuamente.

A personagem Mariinha sofria de sífilis, doença transmitida por um namorado que teve antes de Manoel, pai de Samuel. Seu estado de saúde dificultava também a vivência no dia a dia, pois precisava trabalhar para se sustentar e criar o filho. Esse elemento pode ser observado de maneira significativa na narrativa de Acioli (2014, p. 23): “E assim viveu e criou o filho por quinze anos, com pouca saúde. Disse o médico que a doença ela pegou de homem — Samuel só soube disso depois da sua morte”. Isso mostra que as dificuldades enfrentadas por Mariinha não eram apenas econômicas, mas também de saúde, o que a limitava sem, no entanto, impedi-la de persistir e buscar meios de sobrevivência para si e para o filho. Ela trabalhava e aprendeu a fazer artesanato como forma de sustento.

É possível inferir que a política de vida feita pelas mulheres sertanejas não se limita às estratégias de sobrevivência, mas envolve também o esforço diário de persistir, mesmo quando não possuem condições físicas ideais para enfrentar os desafios da vida. Elas lutam por si mesmas e por aqueles que dependem delas. No

caso de Mariinha, sua luta é especialmente voltada para o filho Samuel, e é essa dedicação que lhe dá forças para resistir e afirmar sua existência.

Diante disso, destaca-se no prefácio do livro de Federici (2022, p. 19): “[...] o novo mundo está à nossa volta, diz respeito a nós, e somente nossa luta pode trazê-lo à existência e reencantá-lo”. Pensando nisso, para que haja encantamento, é fundamental que exista luta e resistência sem esperar que o mundo mude sozinho, pois isso seria, de certa forma, impossível. Assim, é imprescindível que se busque transformá-lo, construindo-o através da persistência e da ação, de modo a possibilitar uma vida mais justa, especialmente para as mulheres sertanejas cuja existência cotidiana é marcada por desafios estruturais, mas que encontram em suas forças e na resistência formas de afirmar suas políticas de vida.

A fé e o pedido da mãe levam o filho a reconstruir sua vida. O mapa de vida é traçado a partir do ato de acender cada vela para os santos (Padre Cícero: fé e resistência; Santo Antônio: casamento; São Francisco: o amor aos pobres), como uma peregrinação necessária para o refazimento da vida de Samuel, tendo como guia as mulheres de sua vida. Assim, podemos relacionar também essa simbologia presente na narrativa ao número três, como nos três pedidos feitos por Mariinha antes de morrer, nas três velas e nos três santos. Esse número representa a Trindade Santa ligada à religião cristã: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. No caso de Mariinha, essas velas acesas podem simbolizar a luz para sua nova forma de vida, a luz que iluminará sua alma. Um momento em que sua fé e devoção podem ser percebidas está no seguinte trecho:

Moravam numa casa de nada na ladeira do Horto, no caminho que leva até a estátua de padre Cícero. Mas ela não era de lá. Foi pro Juazeiro quando se viu sozinha, com um filho nos braços. Já que o menino ia mesmo se criar sem pai, pois que ao menos fosse afilhado do Padim, abençoado por ele dia e noite (Acioli, 2014, p. 23-24).

A partir do excerto, infere-se que a fé de Mariinha é gigantesca a ponto de ela acreditar, ao se mudar para Juazeiro, na proteção e bênçãos constantes do Santo sobre seu filho, afinal, não conta com a proteção da figura paterna, tradicionalmente vista como referência de segurança e proteção, alguém cuja presença seria para guiar o filho e ser o provedor. Na narrativa, esse papel é exercido de forma completamente diferente: é Mariinha quem se torna, para Samuel, a figura de segurança, proteção, amor, cuidado e força, exercendo, em meio às dificuldades vividas no sertão cearense, o papel de mãe e de pai para o seu filho. Decerto, esta é uma realidade vivida por muitas mulheres em nossa sociedade.

Mariinha busca sempre trabalhar para garantir o sustento de si mesma e de seu filho, mas, ao longo do percurso da personagem, fica evidente que a luta por bens materiais não é suficiente nem a única preocupação. É necessário também transmitir, de geração em geração, memórias e cuidados, que acabam se tornando símbolos de resistência. Diante disso:

A reprodução não diz respeito apenas às nossas necessidades materiais, como moradia, preparação de alimentos, organização do espaço, criação dos filhos, sexo e procriação. Um de seus aspectos importantes é a reprodução de nossa memória coletiva e dos símbolos culturais que dão sentido à nossa vida e alimenta nossas lutas (Federici, 2022, p. 33).

Logo, depreende-se que a resistência de Mariinha não se constrói de forma isolada, mas é fortalecida pelo vínculo com outras mulheres, em especial as suas

ancestrais. Nesse contexto, destaca-se, também, a figura de Glorinha, que enfrentou inúmeras dificuldades e conseguiu resistir a elas, revelando que a força de Mariinha está enraizada em uma herança coletiva de resistência feminina.

3.2 “A previsão de Niceia se cumprira”: a resistência que transcende a morte

Niceia, a personagem secundária do romance *A cabeça do santo* (2014), representa uma forma de resistência ligada à ancestralidade e à religiosidade presentes no sertão cearense, região marcada pela predominância da fé, especialmente a católica. Essa fé e devoção, características desse lugar, evidencia uma das diversas formas de resistência pelas quais as mulheres sertanejas resistem em meio às adversidades vividas nesse espaço, isto é, firmando a sua fé nas representatividades religiosas católicas.

Sendo assim, o romance revela a resistência por meio da fé e da ancestralidade, além das relações afetivas, que se configuram como formas de afirmação da vida. Isso se evidencia através da relação de Samuel, personagem principal, com sua avó Niceia. Ao deixar Juazeiro do Norte em direção à cidade fictícia de Candeia para encontrar a avó e o pai, ele carrega no peito não o amor, mas uma espécie de desgosto por não terem feito parte de sua vida.

Samuel, por não conhecer a avó e por sentir certo desgosto ao pensar que foi abandonado por ela e por seu pai, carrega um ressentimento em relação aos dois, querendo, de alguma forma, vingar a morte de sua mãe e entender por que o pai os abandonou. Isso fica descrito em sua jornada: “Ele estava ali para procurar uma casa, encontrar uma mulher, perguntar por um homem, resolver uma dívida antiga e depois ir embora” (Acioli, 2014, p. 16), mostrando que não existia, da parte de Samuel, um amor nutrido por sua avó, mas que, mesmo assim, queria conhecê-la, nem que fosse apenas para entender o porquê da ausência dos dois em sua vida.

Em um trecho do romance, ao chegar à cidade de Candeia, ele revela que, embora não demonstrasse afeto pelos familiares, preocupava-se com a forma como seria visto pela avó: “Não era assim que gostaria de chegar àquela casa, falar com Niceia, não era a forma mais agradável de se mostrar” (Acioli, 2014, p. 16). Ainda que a narrativa não deixe isso explícito, é possível inferir que havia uma ligação especial entre Niceia e Samuel, um vínculo afetivo que sustentava essa conexão e fazia com que, mesmo não podendo estar fisicamente com ele, ela permanecesse próxima ao neto, protegendo-o. Isto é, apesar de não fornecer suporte físico, como um abraço, um beijo ou até mesmo preparando uma comida e lhe oferecendo um banho e uma cama para dormir, sua presença era simbólica e espiritual. A forma como Niceia trata Samuel, à primeira vista, pode dar ao leitor a impressão de que ela não o ajuda por não querer, já que no começo não fica explícito que ela está “morta”.

Segundo Martins (2021, p. 41), o tempo ancestral não é um tempo linear, mas um tempo que visa tanto o passado quanto o presente e o futuro. Ou seja, é um tempo que dá abertura para que haja influências nas próximas gerações, no qual é possível pensar no passado não só como algo que já passou, mas como algo que pode ser vivido novamente, o que acaba mantendo a relação dos ancestrais com as gerações futuras. Sendo assim, mesmo que Niceia tenha deixado este plano, ela ultrapassa as lógicas consideradas normais de presente, passado e futuro, que supõem que se viva um de cada vez, sem retorno, e mostra que é possível vivenciar

o passado por meio da ancestralidade, fazendo com que Niceia seja, também, encantamento.

Em decorrência disso, ela não oferece a Samuel acolhimento em sua casa e carinho de maneira explícita. Isso fica claro no fragmento: “Se ela notou que ele estava carecido de banho, o convite viria a seguir, ele pensou. Mas não veio” (Acioli, 2014, p. 20). No entanto, com uma leitura mais atenta, é possível perceber que sua presença representa uma espécie de manto protetor para ele. Ela se torna, de fato, uma provedora para Samuel, pois o guia até um local onde ele possa sobreviver, oferecendo água, moradia e comida, conduzindo-o à sobrevivência em termos materiais, como se vê a seguir:

Niceia voltou a falar: — Já escureceu e daqui a pouco vai chover. Você saia daqui, vá andando pelo mato. Segue aqui na rua, passa da matriz e do cemitério, entra nos matos mesmo, sempre reto, sem dobrar. Quando avistar um pé de goiaba, aí dobra pro rumo da direita, que tem um canto coberto pra dormir. Entra correndo e dorme, o temporal vem forte (Acioli, 2014, p. 20-21).

Diante disso, é possível afirmar que, embora ela não pudesse acolhê-lo em sua casa, já que não participava mais deste plano físico, ela o conduziu até um abrigo. Foi nesse local que Samuel conseguiu se conectar às orações das mulheres que rezavam para Santo Antônio, conhecer um amigo e, a partir disso, reconstruir-se dentro daquele contexto de exclusão.

Nessa perspectiva, Martins (2021, p. 44) afirma que: “A morte, a boa morte, integra a possibilidade da vida, um seu contínuo. Nele, ‘o processo de viver (ser, aparecer, surgir no mundo natural) e morrer (sair, desligar-se do mundo natural), ou seja, acender e apagar, ligar e desligar’ está interligado”. De acordo com Martins (2021), que traz o pensamento que trata da filosofia africana que temporaliza todos nós, pode-se dizer que a morte e a vida estão interligadas, e que, embora o corpo físico cesse de funcionar, ainda existe um mundo espiritual a partir do qual esse ser pode se conectar com o plano físico. Isso ocorre com a personagem Niceia que, mesmo após sua morte, apresenta-se ao neto, agindo de maneira protetora através do afeto.

A força que Samuel herda e manifesta ao longo de sua vida, especialmente durante o percurso até a cidade de Candeia e a sua estadia lá, são frutos da ancestralidade transmitida pelas mulheres de sua família. Tanto por parte da mãe, com as suas ancestrais, quanto por parte do pai, por meio de sua avó. Assim, podemos afirmar que a fé, a ancestralidade e os afetos são estratégias de sobrevivência adotadas pelas mulheres do sertão cearense para proteger aqueles que amam e para resistir aos obstáculos impostos a elas em um lugar marcado por tantas dificuldades, sejam materiais ou físicas.

Segundo Federici (2022, p. 17), “As mulheres são guardiãs da terra e da riqueza comunitária. São também as tecelãs da memória”. Diante disso, pode-se dizer que a partir das vivências dessas mulheres são herdadas as forças das próximas gerações, seja pela resistência, seja pela forma como o conhecimento por elas adquirido é transmitido aos seus descendentes. São mulheres que preservam histórias, cultivando saberes para as próximas gerações.

A personagem Niceia representa as mulheres que transmitem força aos seus descendentes por meio das experiências vividas, preservando e repassando sua sabedoria. Ela cuida e protege aqueles que ama também por meio de conselhos. Isso fica explícito no seguinte excerto:

Vai embora de Candeia. Vem perigo por aí. — Que perigo? — Tá vendo essa cidade? Tá vendo esse mundaréu de gente, essa confusão, esse povo da televisão? É tudo por sua causa. A culpa é toda sua. [...] — Mas escute bem uma coisa: na quinta-feira, antes de ir embora, você tem que passar aqui. — Por quê? — Pra se despedir. Eu sou sua avó, rapaz (Acioli, 2014, p. 85).

Ante o exposto, é possível perceber que Niceia demonstra preocupação e cuidado com seu neto. Ela tem consciência dos perigos e procura prevenção, tentando garantir que nada de mal lhe aconteça. Essa proteção também é permeada de carinho e amor, evidente na forma como ela pede que ele venha se despedir.

Essa proteção também se manifesta no âmbito religioso, configurando-se como uma proteção de caráter “divino”. Isso pode ser observado quando a mãe de Samuel pede a proteção do padroeiro de sua cidade, Padre Cícero, para que o ampare e, ao se aproximar da morte, solicita que seu filho acenda as três velas para os padroeiros. Sua avó, Niceia, reforça o pedido de Mariinha para que Samuel o cumpra, pois o considera de grande importância, mostrando o tamanho da fé dessas mulheres que protegem e amparam Samuel, como evidenciado neste fragmento: “Niceia ficou transtornada e chegou mais perto da grade. — Você não pode sair daqui sem acender a vela que sua mãe pediu. O tom da última frase era muito grave, ela olhava nos olhos de Samuel, era uma ordem” (Acioli, 2014, p. 127). Isso mostra que mesmo com todo esse tempo que eles não se conheciam, Niceia tinha um vínculo forte com Samuel, que fazia com que ele mesmo não querendo ir, ele sentia uma necessidade em obedecê-la.

Então, depreende-se que Niceia via, nesse ato de acender as velas e de cumprir o desejo de Mariinha, uma forma de garantir que ela continuasse sendo guiada por essa luz, mesmo no plano espiritual, como se fosse necessário para que sua alma encontrasse o caminho “certo” após a sua morte, uma verdadeira luz que a orientasse. Assim sendo, Niceia revela sua resistência firmada também pela fé, uma resistência que a impulsiona a levar consigo outras mulheres, como Mariinha, quando quase exige de Samuel que ele cumpra o último desejo de sua mãe.

Niceia mostra ser, durante quase toda a narrativa, uma mulher de personalidade forte, que não demonstra seus sentimentos de maneira explícita. Pode-se considerar essa forma de agir como um modo de resistir dentro de um espaço em que os corpos marginalizados, em especial os femininos, são controlados. Ela apresenta a aparência de uma mulher que não se submete e não baixa a cabeça diante das dificuldades. A fé e as relações afetivas impulsionam sua força, e o fato de sua casa ser vista como um lugar em que as pessoas têm medo de entrar pode indicar que existia também um respeito em relação a ela, afirmando ainda mais o seu lugar no mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, as discussões desenvolvidas ao longo deste trabalho permitem concluir que obtivemos resultados positivos acerca da temática em questão. Analisamos, assim, como a política de vida é construída por Mariinha e Niceia na obra *A cabeça do santo* (2014), de Socorro Acioli, observando como as duas personagens secundárias demonstram a capacidade de resistência e reinvenção no sertão cearense.

Além disso, foi possível examinar que elas utilizam a religiosidade, a ancestralidade e as relações afetivas como forma de resistência para fortalecer também o personagem principal, Samuel, possibilitando que ele igualmente resista e se reinvente. Isto demonstra como elas usam dessa política de vida de maneira que desafiam as relações de poder que existem dentro do ambiente sertanejo, o que comprova a importância de ambas dentro da narrativa, revelando que a presença delas na trama vai além de um papel de personagem, na verdade, representa a vida de diversas mulheres que vivem essa realidade no sertão cearense.

Entende-se, por meio da análise das personagens Mariinha e Niceia, que o Romance Brasileiro Contemporâneo é um campo no qual se manifesta a resistência das mulheres, em especial das mulheres sertanejas. Dessa forma, este estudo colabora para a ampliação do campo de pesquisa que aborda a resistência feminina, sobretudo a das mulheres sertanejas.

Com isso, a pesquisa contribui para um debate amplo sobre formas alternativas de resistência, principalmente no que se refere às mulheres sertanejas e suas estratégias de sobrevivência. No entanto, algumas limitações foram encontradas durante a pesquisa, como, por exemplo, o fato de não ter sido possível realizar um recorte mais amplo, restringindo a análise apenas às duas personagens secundárias, Mariinha e Niceia. Além disso, ficou ausente um recorte que contemplasse também as vozes das mulheres que Samuel ouve, incluindo a voz de Rosário, personagem pela qual Samuel também gera força de resistência.

O trabalho evidencia a potência das práticas culturais como mecanismos de resistência, mostrando como a literatura pode atuar como um espaço que valoriza essas maneiras de agir no mundo. Ademais, a pesquisa dialoga com os estudos sobre realismo mágico e Literatura Contemporânea Brasileira, ressaltando como *A cabeça do santo* (2014) articula elementos do insólito ficcional para construir uma narrativa que representa as dificuldades vividas nesse lugar.

Portanto, este estudo pode servir de base para abrir caminho à futuras análises da obra de Acioli, como, por exemplo, a representatividade da força feminina dentro do romance, ou mesmo uma análise de como as vozes das mulheres que rezam para Santo Antônio representam essa força, mostrando que são essas mulheres que exercem papéis fundamentais para que a trama alcance sua completude.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **A cabeça do santo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. *In*: BOSI, Alfredo. **Estudos Literários – Volume 4**. São Paulo: Ática, 1988, p. 275-287.

BOURDIEU, Pierre. **O desencantamento do mundo**: estruturas econômicas e estruturas temporais. Tradução de Silvia Mazza. São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Reencantando o mundo**: feminismo e a política dos comuns. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

JUSTINO, Luciano Barbosa. **Literatura de multidão**: crítica literária e trabalho imaterial. Rio de Janeiro: Makunaíma, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. *E-pub*.

PINHEIRO, Hélder. **Pesquisa em literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento**: sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem o auxílio de diversas pessoas. Por isso agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder forças e discernimento para compreender que tudo acontece no tempo certo. À minha orientadora, professora Dra. Annie Tarsis Morais Figueiredo, expressei minha sincera gratidão por trilhar este caminho comigo, compartilhando conhecimentos que me proporcionaram uma visão sensível e profunda sobre a Literatura.

Agradeço, com carinho, a minha avó (*in memoriam*) pelo incentivo aos estudos, que carreguei comigo durante todo o percurso na universidade e que me fortaleceram em cada etapa. À minha mãe, por ser meu alicerce e apoio incondicional durante todo este processo. Ao meu filho, que mesmo sem saber, me ajudou e me deu forças por meio de sua presença, sorrisos e afetos. Agradeço, ainda, às minhas irmãs por sempre me incentivarem a continuar estudando apesar das dificuldades e ao meu parceiro de vida por estar ao meu lado, oferecendo apoio e estímulo para meu crescimento pessoal e profissional.

Por fim, agradeço às minhas colegas que fizeram com que esse processo fosse mais leve e cheio de afetos. Estendo meus agradecimentos às professoras que compuseram a banca examinadora, Dra. Alyne Isabelle Duarte da Silva e Dra. Francisca Laila Ribeiro Pinto, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos e pela leitura atenta e cuidadosa deste trabalho, contribuindo para o meu crescimento acadêmico, profissional e pessoal.